

UM OLHAR PARA O LUTO

Nadia Cristina Trevisol
Matias Trevisol

Resumo

INTRODUÇÃO: O presente trabalho tem como intuito demonstrar o movimento terapêutico de uma paciente da clínica escola de psicologia no oeste de Santa Catarina, buscando compreender a experiência singular da paciente e possibilitar a inclusão de suas condições de possibilidades visando sua autonomia. O objetivo deste estudo de caso foi investigar, a partir dos diálogos entre a paciente e a estagiária, como ela era afetada pelo luto e quais eram os outros fenômenos que comprometiam sua saúde mental.

Para atingir esse objetivo, foram analisados os registros de sessões terapêuticas. A análise desses dados permitiu identificar padrões de comportamento e sentimentos predominantes na experiência da paciente.

DESENVOLVIMENTO: Todos os preceitos éticos exigidos para realizar a pesquisa foram respeitados.

Mantendo em sigilo da identidade do paciente, o mesmo vai ser identificado como "T".

T, com 30 anos, foi um paciente que precisou ser atendido com urgência na Clínica de Psicologia. No primeiro o momento relatou que o principal motivo de sua procura era o falecimento de seu avô, que no presente momento tinha falecido a uma semana. Abalado com a situação de ser sua principal fonte

de apoio e inspiração em todo este tempo, veio até a clínica relatando um sentimento de vazio.

O luto é um processo complexo e multifacetado que perpassa a experiência humana de forma profunda, ligando-se diretamente aos extremos da existência: vida e morte. Este processo não se limita à perda de um ente querido, mas abrange também as perdas simbólicas e reais que ocorrem ao longo da vida, envolvendo tanto aspectos psíquicos quanto físicos. (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

Em diálogo com o paciente o mesmo relatava falta de interesse por coisas que antes faziam sua parte do seu cotidiano, mas onde a inspiração de fazer o que realmente lhe interessava vinha do avô, desde muito pequeno.

Em sua obra "Luto e Melancolia", Sigmund Freud destaca que o luto é um processo consciente, onde o enlutado está plenamente ciente da perda que sofreu. Esse processo é caracterizado pela dor e pelo afastamento temporário das atividades que não se relacionam com a perda. Assim, o luto é considerado como um processo natural para a elaboração da perda, que pode ser superado depois de um tempo e por mais que possa ter um caráter patológico, não é considerada como doença. O autor estabelece o luto como um processo doloroso e lento, sendo que suas características são: o afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja relacionado a pensamentos sobre o objeto perdido, uma tristeza profunda, a incapacidade de substituir ou adotar um novo objeto de amor, bem como, a perda de interesse no mundo externo. Sendo assim, o mesmo precisa deslocar uma quantidade muito grande de energia para o eu em uma tentativa de superinvestir nas lembranças e representações deste objeto perdido. Posterior a esse processo de personificação do objeto no eu do sujeito, que se encontra mobilizado pela dor da perda, torna-se possível que o mesmo desligue todas as lembranças e esperanças relacionadas ao objeto que não mais existe, para que ele possa voltar a investir no exterior, ou seja, deslocar libido para outros objetos. (FREUD, 1917).

Desta forma, podemos salientar que é notório que as pessoas nunca abandonam por vontade própria uma posição libidinal, nem quando visualizam um novo substituto.

Percebia-se notoriamente que no início das sessões o paciente esquivava-se de assuntos mais profundos sobre o avô, foi respeitado o momento do paciente, para quando ele se sentisse confortável em dialogar. Podendo assim, explorar suas emoções e pensamentos mais profundos em relação à perda. As sessões com a paciente foram baseadas em muito acolhimento e escuta, revivendo memórias e sentimentos associados ao avô, permitindo a elaboração dessa emoção e seu sentimento, explorando o papel que o avô teve em sua vida.

O luto implica enfrentar profundas questões existenciais e emocionais, confrontar a nossa própria impotência diante da realidade da perda, dos limites e da separação que existem entre nós e aqueles que amamos. Na sua essência, este processo envolve reconhecer que o mundo e os objetos de nosso amor têm uma existência independente da nossa, e que, portanto, não estão sob nosso controle absoluto.

Em um nível mais profundo, elaborar a perda nos coloca diante da finitude humana e da possibilidade do limite último: a morte.

Este processo não é meramente um ato de superação ou esquecimento, mas sim um trabalho psíquico complexo e individualizado. Envolve revisitar as relações emocionais e afetivas com o objeto perdido, lidar com sentimentos de dor, tristeza, raiva, culpa e saudade, e encontrar maneiras de integrar essa perda no tecido da própria identidade e história emocional.

CONCLUSÕES FINAIS: A paciente foi evoluindo nas sessões, demonstrando um novo significado a morte do avô, o luto é um processo que vai além da simples aceitação da ausência física. É um caminho de transformação interna, onde o sujeito confronta suas próprias vulnerabilidades e limitações, reconstruindo significados e construindo novas formas de viver e de se relacionar com o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIA: CAVALCANTI*, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK*, Milena Lieto e BONFIM**, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. 2013, vol.17, n.17, pp.87-105.

FREUD, S., Luto e melancolia, in Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1917 (1996).